

SOL SUBTERRÂNEO

PRESS KIT



Sol Subterrâneo

Direção e coreografia Né Barros

Co-Criação e interpretação ao vivo Alexandre Soares e Flávio Rodrigues

Sol subterrâneo é o título de um poema de Luís Miguel Nava. Este projeto coreográfico e musical encontra a sua ordem e desordem entre o céu aberto e o grito mais íntimo e profundo.

Né Barros



Sobre um Sol Subterrâneo

Entrar no coliseu e corrê-lo como se fosse uma criança, como se fosse um das dezenas de crianças que circulavam pelo espaço nesse dia de inauguração das actividades do Balleateatro ali, entrar naquele salão onde antes uma orquestra tocava e os pares dançavam mais ou menos agarradinhos, imaginar uma versão de O Baile, de Ettore Scola, entrar e encontrar um guitarrista e um bailarino coberto com um manto dourado, ou quase dourado, de tanto brilhar por dentro, sentar-me no chão e esperar — tudo isso preparou a experiência que estava para vir, o ato de assistir a esta criação da coreógrafa Né Barros, com o músico Alexandre Soares e o performer Flávio Rodrigues, uma espécie de prova, a demonstração de existência de um Sol Subterrâneo.

Depois, leria no programa que o título do espectáculo se deve a um poema de Luís Miguel Nava:

O sol é subterrâneo, aquele a que eu me quero hoje estender é o do meu espírito, é preciso cavar bem fundo até o fazer surgir.

Nesse momento, já a minha experiência se havia constituído de tal forma que as palavras do poema pareciam traduzir o que acontecera. Pois o som e o movimento naquele espaço tinham-me posto em comunhão com os performers através da partilha desse sol invisível, escondido, alquímico, de cada um, e o que eu vira fora dois artistas arrancando da terra com as mãos a própria vida, luz em todas as formas. No programa lia-se ainda que “este projeto coreográfico e musical encontra a sua ordem e desordem entre o céu aberto e o grito mais íntimo e profundo”. Foi então que fui convertido. Estas palavras descreviam o sucedido em mim. Acabara de participar numa cerimónia de iniciação a um culto sagrado da física dos corpos celestes e dos elementos subatômicos. Órfãos do xamanismo, os contemporâneos têm que reinventar esse contacto original com o sol interior, e reaprender a alquimia para descobrir a pedra filosofal que é cada um de nós e, ao mesmo tempo, todos

nós somos. O Coliseu já me parecia um templo das ciências do oculto, na viragem do séc. XIX para o XX, em que dança, bombismo e astrologia se intersectavam doidamente.

O misticismo tem limites. A minha base é material. Os dois performers mostraram não só o repertório vasto que possuem, e o domínio total que têm das respectivas linguagens artísticas, mas também o que não têm e o que não sabem ainda. Explico-me: explorando as suas capacidades técnicas para ir mais além, além da execução perfeita, com o fim de descobrir outras coisas, abriram o campo de possibilidades da forma musical e e da forma coreográfica, permitindo aqui e ali vislumbres do que até então era invisível na experiência do mundo. Falo da experiência concreta do mundo, tanto dos corpos em movimento nas ruas e nas instituições — colégios, cafés, shopping center — que se vêem nos média — cinema, TV e internet — como nos sons e ruídos mais ou menos espontâneos, mais ou menos artificiais, que povoam o nosso dia-a-dia, os nossos sonhos, o nosso imaginário partilhado. O espectáculo fez-se percorrendo todas as dimensões possíveis do corpo e dos instrumentos, todas as imagens do corpo masculino em esforço e propulsão, do desporto à luta, do sexo à dança, e todo o espectro auditivo, acordes, barulhos, notas cristalinas, com uma banda sonora que saía dessa função e categoria para se alçar ao trabalho de interpretação e contracena — quanto mais não seja porque ali estava também um compositor e intérprete, em diálogo com a cena e o outro intérprete. E foi ao percorrer esse caminho, ao gerar esse fluxo, que se viu emergir o campo quântico, onde fulge o tal sol subterrâneo, e onde o poema coreográfico se junta ao poema original.

A guitarra em distorção como tensão e alívio, a corrida, o salto, a repetição, enfim, inúmeros outros aspectos desta criação, são como partículas elementares da vitalidade em arte, articulações não-verbais, postas no mesmo lugar da voz, essa coisa que já não é corpo e ainda não é fala (como coloca o antropólogo Joaquim Pais de Brito), elementos cuja combinação faz irromper em chamas o que até então eram apenas brasas desse fogo interior antigo, que nos consome, do qual nos afastamos vezes sem conta quando nos mortificamos, fogo que ao arder em euforia, se nos reduz à matéria-prima, também nos faz regressar, uma e outra vez, das cinzas, lavrando com destemor.

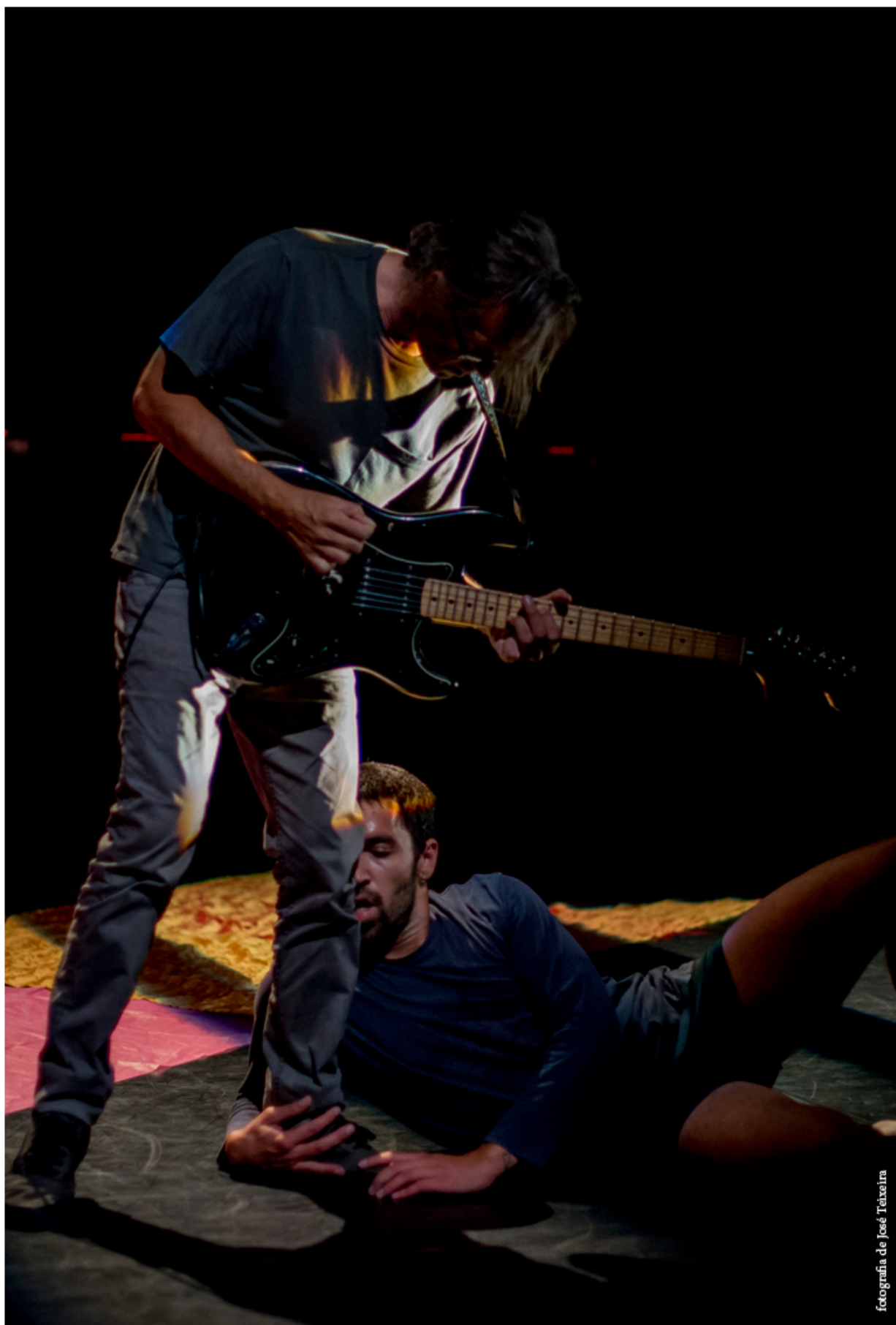
Jorge Loureiro

Né Barros

Coreógrafa e bailarina, ao longo da sua carreira tem desenvolvido em ligação os seus trabalhos artísticos com os científicos. Investigadora no Instituto de Filosofia no Grupo de Estética, Política e Artes (U.P.). Conclui Doutoramento em Dança (FMH, Universidade Técnica de Lisboa) e Master of Arts in dance studies no Laban Centre, City University em Londres. Frequentou a Faculdade de Ciências do Porto e concluiu o Curso Superior de Teatro (ESAP). Artisticamente, iniciou a sua formação em dança clássica e mais tarde trabalha dança contemporânea e composição coreográfica, nos Estados Unidos, Smith College. Para além da companhia do ballet-teatro, com a qual tem apresentado trabalho desde os anos noventa, trabalhou com a Companhia Nacional de Bailado, com o Ballet Gulbenkian e, na Lituânia, com Aura Dance Company. Fez cinema e teatro. Tem colaborado com diversos artistas plásticos, fotógrafos, músicos, encenadores, artistas multimédia. Como formadora tem colaborado com diversas instituições e é professora na Esap. Autora do livro *Da Materialidade na dança*, Co-editora de *Artes Performativas: Novos Discursos*, *Das Imagens Familiares* e co-autora, *Story Case Print*. Co-fundadora e membro da direcção do ballet-teatro. Co-diretora do festival de cinema Family Film Project.

www.balletteatro.pt





fotografia de José Teixeira

Alexandre Soares

Co-fundador do grupo GNR como compositor e guitarrista, iniciou a carreira discográfica em 1980. Em 1988 edita o seu único álbum a solo, *Projecto Global*. Em 1990 foi responsável pela composição musical para a peça *Coração na boca* de Sam Shepard. Foi igualmente co-autor da música para o ballado *Barcos Negros*, que conquistou o 1º prémio do Concurso Internacional de Ballado de Lisboa. Em 1993, colaborou no projecto *Zero*, com o qual gravou o álbum de apresentação. Na exposição *La Imagen Frágil* da Fundacion La Caixa Barcelona, produziu uma intervenção sonora na instalação *Señor Estupor* de Javier Díaz. Foi também em 1993 que teve a primeira ligação ao grupo *Três Tristes Tigres* no disco *Partes Sensíveis*, e na colectânea de temas de António Variações com *Anjinho da Guarda*. Da integração nos *Três Tristes Tigres* resultaram os álbuns *Guia Espiritual e Comum*. Foi considerado compositor português do ano de 1998 pelo *Jornal Público*. Compôs a música para o filme *Sapatos Pretos* de João Canijo. Foi convidado pelo Teatro Nacional S. João para compor a música original de *Buenas Noches, Mi Amor* um dispositivo vídeo-musical com textos de Al Berto lidos por João Reis, a levar a cena em Fevereiro de 1999. Levou aos palcos do CCB e Rivoli, com os *Três Tristes Tigres*, o espectáculo *Ferida Consentida*, baseado no livro *um beijo dado mais tarde*, de Maria Gabriela Llansol. Colabora também desde 1999 com Né Barros, para quem compôs as músicas de *Vooum*, *No Fly Zone*, *exo*, *Vaga*, *Dia Maior*, *Segundo Plano*, *Story Case*, *Praça* e *Estrangeiros*.



fotografia de José Teixeira

Flávio Rodrigues

Nasceu em Vila Nova de Gaia (Mafamude-1984). De momento reside no Porto (Portugal).

É formado em Dança pelo Ginásio (1996), Balletteatro Escola Profissional (2003), Dance Works Rotterdam (2005) e pelo Núcleo de Experimentação coreográfica (2008). Frequentou o curso Intervenção Pública e criação de Obras Site-specific na Universidade Lusófona (2009). Frequentou o curso de Dj na escola Bimotor (2015). Em 2012 representa Portugal nos encontros Les Réperages/Danse à Lille e integra com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian a residência coreográfica Correios em Movimento/Dança em Trânsito no Rio de Janeiro. Desde 2006 que desenvolve os seus próprios projectos (performances, filmes; instalações; paisagens sonoras; intervenções públicas) expondo-os em diferentes contextos de apresentação: CATÁLOGO (2008), Starveling (The rite of spring) (2012), RARA (2014) e G.O.D. (2015) são alguns dos títulos. Colaborou em projectos com diferentes criadores tais como Né Barros, Joclécio Azevedo, Vítor Rua, Tânia Carvalho, Joana Castro, Bruno Senune, Elisa Worm, Teresa Prima e Radar 360°, Camila Neves, Cristina Planas Leitão (...). Foi intérprete da companhia Ballet Contemporâneo do Norte de 2009 a 2014. É programador em colaboração com Isabel Barros no Festival Corpo+cidade desde 2014. Coordena o Serviço Educativo | Balletteatro desde 2013 onde também é docente convidado.



fotografia de José Teixeira

Condições de apresentação

O espetáculo Sol Subterrâneo pode ser apresentado em espaços alternativos (galerias, espaço exterior, entre outros)

Deslocação, alojamento e alimentação para 5 pessoas

Deslocação:

A origem da viagem depende da localização de alguns dos intervenientes. Em situação normal partem as 5 pessoas do Porto.

O técnico terá sempre que ir um dia antes da apresentação (em situação ideal e dependendo do espaço de apresentação)

A restante equipa irá no dia anterior ao espetáculo.

Transporte dos instrumentos (guitarras e amplificadores)

Alojamento

2 Quartos duplos e 1 single, com pequeno-almoço

Alimentação

Almoços e jantares de acordo com o plano de trabalho

Desenho de luz

Em espaços alternativos sem desenho de luz ou em espaços teatrais com desenho de luz em anexo.

Plano de Trabalho (pode sofrer alterações dependendo do espaço de apresentação)

1º Dia

09h30-13h00 Montagem Luz + cena

13h00-14h30 Almoço

14h30-15h30 Montagem Linóleo + cena

15h30-17h00 Montagem cenografia + montagem de som

17h00-19h00 Afinação de luz

19h00 -20h00 Jantar

20h00 -24h00 Afinação de luz + Programação de luz + soundcheck

2º Dia

9h30 -12h00 - Correções e ajustes técnicos - se necessário

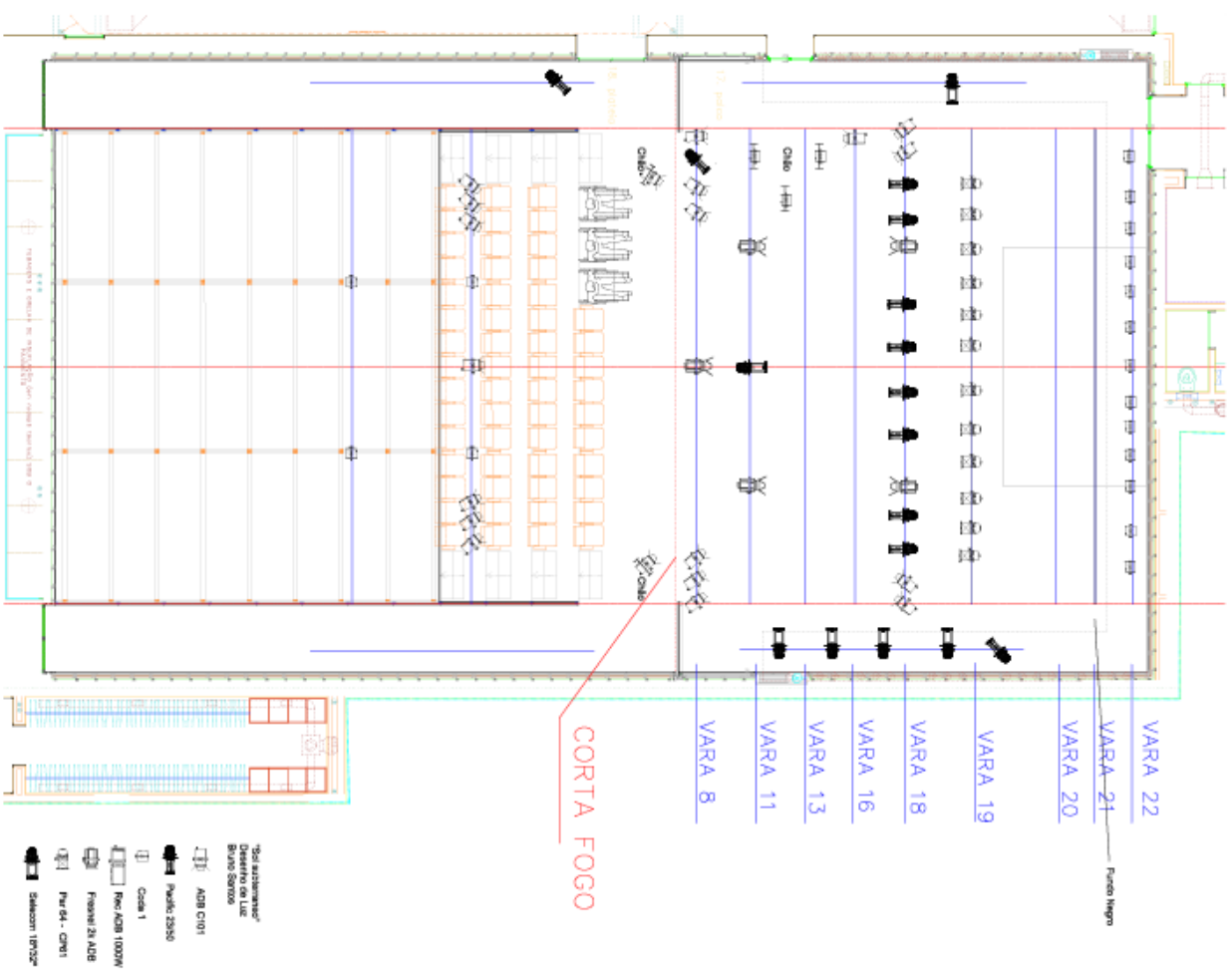
14h30-15h30 Preparação Ensaio

15h30-19h00 Ensaio

19h00-20h30 Jantar

20h30-21h30 Preparação espetáculo

21h30-22h30 Espetáculo



BALLETEATRO
CONTEMPORÂNEO DO PORTO, CRL
RUA PASSOS MANUEL, 137, 4000-385, PORTO
T 222 038 971
F 222 038 973
Contribuinte nº 501 524 339

| ESTRUTURA FINANCIADA POR

balletteatro RUA PASSOS MANUEL, N.º 137
4000-385 PORTO



*dg*ARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES